



Descobrir a Quaresma

Para entender, nos tempos que correm, o sentido da Quaresma - um tempo liturgicamente intenso que conduz à alegria pascal - não há nada melhor do que abrir os olhos para o que está mesmo à nossa volta e reconhecer os rostos através dos quais Cristo nos convida à conversão. De facto, é esta a proposta que a Quaresma nos faz: iniciar um processo de reflexão pessoal para nos renovarmos e mudarmos, não os aspectos mais acessórios da nossa imagem, mas sim o nosso estilo de vida.

Trata-se de uma proposta que a cultura actual não facilita em nada, num tempo em que a sedução para fugir de toda a dimensão transcendente da vida humana assume tantas formas e tão subtis aparências. Daí o valor de um tempo que se nos oferece como um caminho cheio de oportunidades para compreender que é possível outro modo de vida.

Mas como fazê-lo? Primeiro, olhando para dentro de nós, para podermos entender que, muito mais do que um gesto pontual, o que se nos propõe é que transformemos o núcleo íntimo dos nossos estilos de vida até que transbordem de sentido pela prática da solidariedade. E, depois, reconhecendo os rostos dos próximos que sofrem com particular intensidade o açoitamento da pobreza, para partilhar com eles inclusive o necessário.

Isto significa que, para viver a Quaresma na autenticidade crente, ela tem que ser simultaneamente pobre e solidária. Quer dizer que além de nos desprendermos dos bens materiais que a sociedade de consumo foi apegando à nossa vida e assim fazermos um pouco a experiência do "não ter" dos pobres, é também necessário que as nossas prioridades na vida se orientem para a causa dos últimos, trabalhando pela melhoria das suas condições de vida e pela transformação das estruturas políticas e sociais que geram as injustiças e as desigualdades de tantos milhares de milhões de pessoas em todo o mundo.

Juntamente com esta vivência da pobreza e da solidariedade, é também urgente que nos deixemos empapar do dom da paz. E do amor. Porque Cristo é a nossa paz. Com este dom, com a sua energia, vivamos esta Quaresma conformando a nossa vida à do Salvador e sendo comunicadores e construtores do seu amor, fonte inesgotável da justiça pela qual trabalhamos.

(Rev. Caritas, n.º 479)

Para a Compreensão do Abandono Escolar

Uma obra de José Canavarro
que enriquece a comunidade científica
e prestigia a Cáritas de Coimbra, para a qual faz reverter
os proventos económicos dos seus direitos de autor.

No dia 7 de Março, no Auditório do CEARTE (Coimbra), o Professor José Manuel Canavarro lançou o livro "*Para a compreensão do Abandono Escolar*". Trata-se de uma obra que percorre o fenómeno em causa com o olhar rigoroso e aprofundado do cientista. Por isso, embora pretenda explicitamente ser simples, coloca alguma exigência de atenção ao leitor, e tem de certo modo um público privilegiado: os professores, os educadores, os interventores sociais. José Canavarro quis ainda associar ao seu trabalho agora publicado uma dimensão de solidariedade social, fazendo reverter os "Direitos de Autor" a favor da Cáritas Diocesana de Coimbra, em reconhecimento do imenso trabalho desenvolvido por esta instituição em prol da infância, mesmo no campo estritamente educativo.



Professor José Manuel Canavarro

O arquétipo do amor

A Cáritas continua a desenvolver junto das comunidades um trabalho de sensibilização sobre a Encíclica *Deus caritas est*. A grande linha de trabalho tem incidido sobre a primeira parte da Encíclica, com alguma consciência de que o amor referido a Deus precisa de ser corporificado, como faz o Papa, logo no n.º 2, a partir do "arquétipo" do amor como aquele que é vivido entre o homem e a mulher.

Curiosamente, insistindo na dimensão eros do amor como atributo próprio do amor de Deus, Bento XVI não está só a solicitar-nos para uma reflexão sobre Deus, mas também para uma reflexão sobre o amor humano. Um exemplo que se tem repetido entre algumas mulheres que participam nestas acções: o arquétipo do amor, defendem elas, é o amor maternal. O

marido, na sua tese, é só um companheiro. Os filhos, sim, são carne da sua carne, e o amor das mães por eles é que deve ser tomado como arquétipo, como modelo fundamental de todos os amores possíveis. Tem sido muito curiosa a reflexão feita a partir desta tese que, sem negar a grandeza do amor maternal/paternal, pode também esconder alguma ausência de "projecto de ser uma só carne" no amor esponsal. Talvez melhor, não é que as pessoas não reconheçam esse projecto no casamento, mas há como que uma relutância em o assumir, nomeadamente pela sua componente sexual.

Apercebemo-nos de que há uma mentalidade que associa invariavelmente o amor à dor (por exemplo à dor da separação, da não retribuição, etc.) e recusa a dimensão gozosa ao

mesmo amor. E como o amor maternal é marcado forçosamente pelo projecto de afastamento progressivo ("[o filho] deixará o pai e a mãe"), ao contrário do amor esponsal, marcado pelo projecto unitivo ("os dois serão uma só carne"), as pessoas tendem a pensar que o primeiro, supostamente mais doloroso, é que é verdadeiro amor e o segundo não.

Por outro lado, quando nós confrontamos as pessoas com a insistência do Papa no tema, inclusive na bellissima Mensagem Quaresmal deste ano, e conseguimos traduzir o amor de Deus pela humanidade com a linguagem da procura mútua, erótica, homem-mulher, as pessoas começam a ter elementos muito concretos, muito vivenciados, do amor-paixão de Deus. Deus torna-se-lhes mais inteligível.

Exortação Sacramentum Caritatis

"É preciso denunciar as situações indignas do homem, nas quais se morre à míngua de alimento por causa da injustiça e da exploração"

Página 2

Devemos denunciar quem delapida as riquezas da terra

Bento XVI acaba de publicar uma Exortação Apostólica sobre a Eucaristia. Os primeiros comentários públicos, na Igreja e fora dela, ficaram obcecados pela hipótese do latim. Do ponto de vista da Cáritas, queremos aproveitar esta oportunidade para, citando o texto papal, fazer relevar que na Exortação há muito mais do que latim. Aí se diz, por exemplo, preto no branco, com muito mais palavras do que as usadas para o latim, que devemos denunciar quem delapida as riquezas da terra, ou que o alimento da verdade nos leva a denunciar as situações indignas do homem, nas quais se morre à míngua de alimento por causa da injustiça e da exploração, e que o peditório das missas, para a caridade!, é uma necessidade muito actual. (*)

As implicações sociais do mistério eucarístico

A união com Cristo, que se realiza no sacramento, habilita-nos também a uma novidade de relações sociais: «a "mística" do sacramento tem um carácter social, porque (...) a união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou hão-de tornar Seus». A propósito, é necessário explicitar a relação entre mistério eucarístico e compromisso social. A Eucaristia é sacramento de comunhão entre irmãos e irmãs que aceitam reconciliar-se em Cristo, o Qual fez de judeus e gentios um só povo, destruindo o muro de inimizade que os separava. Somente esta tensão constante à reconciliação permite comungar dignamente o corpo e o sangue de Cristo. Através do memorial do seu sacrifício, Ele reforça a comunhão entre os irmãos e, de modo particular, estimula os que estão em conflito a apressar a sua reconciliação, abrindo-se ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça. A restauração da justiça, a reconciliação e o perdão são, sem dúvida alguma, condições para construir uma verdadeira paz; desta consciência nasce a vontade de transformar também as estruturas injustas, a fim de se restabelecer o respeito da dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus; é através da realização concreta desta responsabilidade que a Eucaristia se torna na vida o que significa na celebração. Como já tive ocasião de afirmar, não é missão própria da Igreja tomar nas suas mãos a batalha política para se realizar a sociedade mais justa possível; todavia, ela não pode nem deve ficar à margem da luta pela justiça. A Igreja «deve inserir-se nela pela via da argumentação racional e deve despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias também, não poderá afirmar-se nem prosperar».

Na perspectiva da responsabilidade social de todos os cristãos, os padres sinodais lembraram que o sacrifício de Cristo é mistério de libertação que nos interpela e provoca continuamente; dirijo, pois, um apelo a todos os fiéis para que se tornem realmente obreiros de paz e justiça: «Comefeito, quem participa na Eucaristia deve empenhar-se na edificação da paz neste nosso mundo marcado por muitas violências e guerras, e, hoje de modo particular, pelo terrorismo, a corrupção económica e a exploração sexual»; problemas, estes, que geram por sua vez outros fenómenos degradantes que causam viva

preocupação. Sabemos que estas situações não podem ser encaradas de modo superficial. Precisamente em virtude do mistério que celebramos, é preciso denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do homem, pelo qual Cristo derramou o seu sangue, afirmando assim o alto valor de cada pessoa.

O alimento da verdade e a indigência do homem

Não podemos ficar inativos perante certos processos de globalização, que não raro fazem crescer desmesuradamente a distância entre ricos e pobres a nível mundial. Devemos denunciar quem delapida as riquezas da terra, provocando desigualdades que Bradam ao céu. Por exemplo, é impossível calar diante das «imagens impressionantes dos grandes campos de deslocados ou refugiados — em várias partes do mundo — amontoados em condições precárias para escapar a sorte pior, mas carecidos de tudo. Porventura estes seres humanos não são nossos irmãos e irmãs? Os seus filhos não vieram ao mundo com os mesmos legítimos anseios de felicidade que os outros?». O Senhor Jesus, pão de vida eterna, incita a tornarmos-nos atentos às situações de indigência em que ainda vive grande parte da humanidade: são situações cuja causa se fica a dever, frequentemente, a uma clara e preocupante responsabilidade dos homens. De facto, «com base em dados estatísticos disponíveis, pode-se afirmar que bastaria menos de metade das somas imensas globalmente destinadas a armamentos para tirar, de forma estável, da indigência o exército ilimitado dos pobres. Isto interpela a consciência humana. As populações que vivem sob o limiar da pobreza, mais por causa de situações que dependem das relações internacionais políticas, comerciais e culturais do que por circunstâncias incontroláveis, o nosso esforço comum verdadeiramente pode e deve oferecer-lhes nova esperança».

O alimento da verdade levamos a denunciar as situações indignas do homem, nas quais se morre à míngua de alimento por causa da injustiça e da exploração, e dá-nos nova força e coragem para trabalhar sem descanso na edificação da civilização do amor. Desde o princípio, os cristãos tiveram a preocupação de partilhar os seus bens e de ajudar os pobres. O peditório que se realiza nas assembleias litúrgicas constitui viva reminiscência disso mesmo, mas é também uma necessidade muito actual. As instituições eclesiais de beneficência, de modo particular a *Caritas* nos seus vários

níveis, realizam o valioso serviço de auxiliar as pessoas em necessidade, sobretudo os mais pobres. Tirando inspiração da Eucaristia, que é o sacramento da caridade, aquelas tornam-se a sua expressão concreta; por isso, merecem todo o aplauso e estímulo pelo seu empenho solidário no mundo.

A doutrina social da Igreja

O mistério da Eucaristia habilita-nos e impele-nos a um compromisso corajoso nas estruturas deste mundo para lhes conferir aquela novidade de relações que tem a sua fonte inexaurível no dom de Deus. O pedido que repetimos em cada Missa: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje», obriga-nos a fazer tudo o que for possível, em colaboração com as instituições internacionais, estatais, privadas, para que cesse ou pelo menos diminua, no mundo, o escândalo da fome e da subnutrição que padecem muitos milhões de pessoas, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento. Particularmente o leigo cristão, formado na escola da Eucaristia, é chamado a assumir directamente a sua responsabilidade político-social; a fim de poder desempenhar adequadamente as suas funções, é preciso prepará-lo através duma educação concreta para a caridade e a justiça. Para isso, como foi pedido pelo Sínodo, é necessário que, nas dioceses e comunidades cristãs, se dê a conhecer e incrementar a doutrina social da Igreja. Neste precioso património, nascido da mais antiga tradição eclesial, encontramos os elementos que orientam, com profunda sabedoria, o comportamento dos cristãos nas questões sociais em ebulição. Amadurecida durante toda a história da Igreja, esta doutrina caracteriza-se pelo seu realismo e equilíbrio, ajudando assim a evitar promessas enganadoras ou vãs utopias.

Santificação do mundo e defesa da criação

Enfim, para desenvolver uma



espiritualidade eucarística profunda, capaz de incidir significativamente também no tecido social, é necessário que o povo cristão, ao dar graças por meio da Eucaristia, tenha consciência de o fazer em nome da criação inteira, aspirando assim à santificação do mundo e trabalhando intensamente para tal fim. A própria Eucaristia projecta uma luz intensa sobre a história humana e todo o universo. Nesta perspectiva sacramental, aprendemos dia após dia que cada acontecimento eclesial possui o carácter de sinal, pelo qual Deus Se comunica a Si mesmo e nos interpela. Desta maneira, a forma eucarística da existência pode verdadeiramente favorecer uma autêntica mudança de mentalidade no modo como vemos a história e o mundo. Para tudo isto nos educa a própria liturgia quando o sacerdote, durante a apresentação dos dons, dirige a Deus uma oração de bênção e súplica a respeito do pão e do vinho, «fruto da terra», «da videira» e do «trabalho do homem». Com estas palavras, o rito, além de envolver na oferta a Deus toda a actividade e canseira humana, impele-nos a considerar a terra como criação de Deus, que produz quanto precisamos para o nosso sustento. Não se trata duma realidade neutral, nem de

mera matéria a ser utilizada indiferentemente segundo o instinto humano; mas coloca-se dentro do desígnio amoroso de Deus, segundo o qual todos nós somos chamados a ser filhos e filhas de Deus no seu único Filho, Jesus Cristo. As condições ecológicas em que a criação subjaz em muitas partes do mundo suscitam justas preocupações, que encontram motivo de conforto na perspectiva da esperança cristã, pois esta compromete-nos a trabalhar responsabilmente na defesa da criação; de facto, na relação entre a Eucaristia e o universo, descobrimos a unidade do desígnio de Deus e somos levados a individuar a relação profunda da criação com a «nova criação» que foi inaugurada na ressurreição de Cristo, novo Adão. Dela participamos já agora em virtude do Baptismo, abrindo-se assim à nossa vida cristã, alimentada pela Eucaristia, a perspectiva do mundo novo, do novo céu e da nova terra, onde a nova Jerusalém desce do céu, de junto de Deus, «bela como noiva adornada para o seu esposo».

(*) - *Sacramentum Caritatis*, 89-92 (por motivos de legibilidade, omitimos as referências bíblicas e bibliográficas).

Pe. Rui Pedro deixa migrações



A foto testemunha uma outra faceta do Pe Rui Pedro: o animador nato, capaz de manter uma plateia duas horas seguidas a cantar...

O Pe. Rui Pedro, até ao momento Director da Obra Católica das Migrações e Secretário da Comissão Episcopal da Mobilidade Humana, deixa agora estas funções, para assumir outras dentro da sua Ordem Religiosa (Congregação Scalabriniana). A Cáritas de Coimbra sempre teve no Pe. Rui Pedro um amigo e uma presença alegre e empenhada em muitas iniciativas ligadas às migrações, das quais recordamos o Encontro de Párocos que orientou e os diversos Encontros-Celebração de Emigrantes em que participou e largamente animou, o último dos quais promovido pela própria Diocese. Nos Encontros Nacionais, sempre foi de um acolhimento inescedível. A Cáritas de Coimbra expressa ao Pe. Rui Pedro os mais vivos desejos de êxito pessoal e pastoral nas novas funções que agora assume, enquanto testemunha toda a amizade que dele sempre recebeu.

A maioria dos alunos que abandona o estudo fá-lo porque é mal sucedida na Escola

José Manuel Canavarro é Pró-Reitor da Universidade de Coimbra e Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da mesma Universidade. É membro do Conselho Nacional de Educação e Consultor em Educação e em Formação de Professores. É Presidente do Conselho Científico da Associação Empresários pela Inclusão Social. Entre outras actividades públicas que desenvolveu, permitimo-nos sublinhar o facto de ter sido o Delegado Regional do Centro do I.E.F.P. (2002 a 2003) e Secretário de Estado Adjunto e da Administração Educativa de 2004 a 2005.

Sendo a Cáritas uma Instituição com forte componente educativa e social, e tendo o Professor José Manuel Canavarro feito reverter os "Direitos de Autor" da presente obra para a Cáritas de Coimbra, impunha-se a conversa que tivemos com ele, que aqui publicamos.

Mov. - O Senhor Professor, no estudo agora publicado, apresenta-nos um modelo (designado de "ecológico") descritivo do abandono escolar, fundamentado numa grande pluralidade de estudos, dados e teorias. Enquadra ainda esse modelo – se li bem – em dois universos de sentido: a resiliência e a própria escola. Em palavras simples, qual a grande tese deste modelo?

Professor José Manuel Canavarro (J.M.C.) - É um prazer muito grande "falar" para a Caritas Diocesana de Coimbra, instituição de grande relevo no distrito, na região e no país.

Para compreender o abandono escolar, é necessário tomar consciência que a maioria dos alunos que abandona o faz porque é mal sucedida na Escola. E se há insucesso é porque na relação que o aluno estabelece com a Escola, e que é mediada pela Família, alguma coisa não corre bem. Af as hipóteses são múltiplas. Mas, escolheria três, como ilustração: 1) A escolha que o aluno fez, em termos de percurso escolar e se é que pode escolher, não é a que está mais de acordo com os seus interesses e capacidades; 2) O meio social, que também se encontra na Escola, não valoriza o sucesso escolar. Valoriza outras formas de estar em sociedade. Valoriza uma entrada rápida no mercado de trabalho, por exemplo; 3) A Escola não tem liderança, não acompanha e conhece bem os seus alunos.

Mas, estes são apenas exemplos. O problema é complexo. As causas são múltiplas e variadas.

Mov. - Ainda dentro do modelo, quais as variáveis em que é mais urgente apostar para reduzir o abandono escolar (18 a 20 mil alunos, logo no 7º ano)?

J.C. - São números que nos assustam. Quatro medidas muito precisas: 1) Desenvolver mecanismos de detecção do risco de abandono; 2) Permitir um acesso a ofertas educativas que englobem uma componente de formação, mais concreta, mais de acordo com o perfil de determinados alunos, imediatamente após a conclusão do 6º ano, sem limite inferior de idade que actualmente ainda são os 15 anos, após encami-

nhamento por parte dos professores e dos serviços de psicologia e de orientação e com o acordo dos Pais; 3) Ajudar os Pais a relacionarem-se com a Escola, a apoiarem o estudo dos seus filhos em casa e a interessarem-se, os Pais também, pela Escola; 4) Reforçar desde o início do actual 2º Ciclo do Ensino Básico as actividades de orientação escolar e profissional.

Mov. - Que lugar pode competir às I.P.S.S., como a Cáritas, na luta pelo sucesso escolar? É um papel diluído vagamente na "ligação Escola-meio envolvente" ou pode ir mais além?

J.M.C. - O papel das IPSS é fundamental. Conhecem muito bem o meio social onde estão inseridas. Conhecem as famílias. Podem ser um



O Professor José Manuel Canavarro, na Sessão de lançamento do livro, autografa alguns exemplares

elo importante entre a Escola e a Família. Mas são e podem e devem ser mais ainda fornecedores de serviços educativos e formativos. O Estado não pode nem deve fazer a Educação e a Formação apenas e só com os meios públicos. Sou um defensor de parcerias público-

privado e/ou público-solidário. Acho que neste contexto, o papel das IPSS é relevante e tenho pena que muita da experiência de muitos anos como prestadoras de serviço de ATL não tenha sido tão bem considerada como o deveria ter sido.

Mov. - Quanto à saída para o mercado de trabalho, as estatísticas acusam um aumento da taxa de desemprego de recém-licenciados superior a outros sectores. Vale a pena estudar?

J.M.C. - É um dado que não podemos iludir. Mas, são muitos os estudos que nos dizem que o desempregado com formação superior consegue mais rapidamente que outro desempregado que não tenha formação superior resolver essa situação de fragilidade social. Muitos dos nossos licenciados estão a procurar emprego em Inglaterra, Irlanda e Holanda. Tenho casos de antigos estudantes meus que estão

a trabalhar nesses países. O mercado é global. Importa muito e cada vez mais dominar línguas estrangeiras.

Mov. - Até que ponto, na opinião do Senhor Professor, a escola é presidida (ou se deve ser...) por valores estruturantes como a solidariedade, a igual dignidade dos cidadãos e das profissões que exercem, a própria cidadania, o serviço ao bem comum?

J.M.C. - A Escola deve ser presidida pelo valor do conhecimento. Por querer e ambicionar conhecer. Ser competente, ser capaz de trabalhar como os outros, de respeitar os outros são igualmente valores estruturantes.

Conhecer é o maior dos bens. E conheço mais se treinar, e assim mostro competência, conheço mais, se trabalhar com os outros e se os respeitar, porque dou e recebo conhecimento.



Capa do livro "Para a Compreensão do Abandono Escolar, publicado pela Texto Editores.

Pausa

Democratização informática

Há quem diga à saciedade que a informática está a criar uma nova geração de analfabetos. Talvez sim. Mas também está a "democratizar" a alfabetização. Por exemplo, as receitas do hospital são agora todas informatizadas, e a letra do médico tornou-se rigorosamente igual à minha quando uso o Arial, o Verdana, ou o Times (o nome destas letras com que se escreve o jornal)! Nem o farmacêutico já precisa de praguejar no momento de aviar a receita... Até um homem com a 3ª classe de adultos dos anos 40 do século passado lê o receituário - cumprindo-se ainda o direito da informação, dado que é sobre ele que se aplica a botica. É bonito, assim, não é?!

NEVES

Pela Dignidade, Igual Oportunidade Prevenir – O Melhor Lema!!!

No III Domingo da Quaresma, por decisão da Conferência Episcopal Portuguesa, celebra-se, em todo o país, o Dia Nacional da Cáritas que, nos últimos anos, tem vindo a ser preparado por cada Cáritas Diocesana, desenvolvendo, durante a semana que o antecede, um vasto e criativo conjunto de iniciativas.

“Pela dignidade, igual oportunidade” é o tema que a Cáritas propõe à reflexão de todos os portugueses e de outros nossos irmãos que escolheram o nosso país para encontrar um futuro mais digno para si e para suas famílias. Este tema está em sintonia com o lema Europeu para assinalar o Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos – Para uma Sociedade Justa. A União Europeia pretende, assim, sensibilizar os cidadãos para os benefícios de uma sociedade justa e solidária e para reforçar e exaltar a importância da igualdade de tratamento entre as pessoas, sem distinção de origem racial ou étnica... Destas preocupações nunca poderá estar alienado qualquer cristão. Pelo contrário, para cada um deles, *“cujo coração Cristo conquistou com o seu amor, despertando nele o amor ao próximo”* [DCE, 33], tudo tem de ser claro, sem ambiguidades e preconceitos. Tudo em busca da verdade. É que continuamos a viver numa sociedade que não atribui iguais oportunidades a todos os seus cidadãos. E esse é o terreno fértil necessário para não se atingir o patamar mínimo da dignidade contrária a todos os princípios que norteiam o cristianismo. Podemos fazer de conta que não sabemos, mas os dados aí estão, com toda a crueza.

Em 2005, em Portugal, 20 por cento da população com rendimentos mais elevados receberam 8,2 vezes mais rendimentos do que 20 por cento da população com rendimentos mais baixos, quando a média na União Europeia (25 países) era, nesse ano, de 4,9 vezes, ou seja, em Portugal a desigualdade neste campo era superior à média comunitária em 67,3%.

Entre 1995 e 2005, o indicador pelo qual se regem os níveis de variação das desigualdades baixou, na União Europeia, dos 15 países mais antigos, onde Portugal se integra, de 5,1 para 4,8, enquanto que em Portugal cresceu de 7,4 para 8,2. Como se isto não bastasse, no nosso país a riqueza criada por habitante é bastante inferior à média comunitária. Em 2006, por ex., o PIB por habitante português correspondia apenas a 69,8% da média da UE (25 membros).

Podemos fazer de conta que não sabemos que 2 milhões de portugueses vivem, actualmente, ainda abaixo do limiar da pobreza.

Tudo isto por causa da desigual distribuição da riqueza produzida, e, infelizmente, por aqueles que menos beneficiam dela.

Podemos fingir que não vemos. Mas nas esquinas das grandes cidades, sobretudo das litorais, há cada vez mais sombras de homens e mulheres que se escondem do frio e da chuva e da vergonha de serem novos sem-abrigo.

O Estado, parece não ter capacidade de resposta para estas questões de desigualdade. Importa que seja a sociedade a dar mostras de querer empenhar-se na construção de um tempo novo. Por isso, nunca, como agora o ideário cristão é tão premente, tão actual, sobretudo se for capaz de fazer com que *“a actividade caritativa da Igreja mantenha todo o seu esplendor e não se dissolva na organização assistencial comum, tornando-se uma simples variante da mesma.”* [DCE, 31].

Podemos fingir que não ouvimos. Mas nos desabafos dos mais velhos que vivem amargurados na prisão da solidão, nos gritos de dor dos imigrantes sem emprego, no desalento dos que não conseguem o primeiro trabalho, na angústia dos que não têm acesso a uma rede de saúde eficaz... está a voz dos nossos irmãos, está a razão de ser da nossa atitude cristã.

Se Jesus nunca ficou indiferente perante qualquer situação de injustiça, mas comprometeu-se com cada homem e mulher do seu tempo, também nós que nos sabemos e sentimos amados por este Amor maior que brota do coração de Cristo que nos *“leva a amar os irmãos como Ele os amou, quando se inclinou para lavar os pés dos discípulos (cf. Jo 13, 1-13 e, sobretudo, quando deu a sua vida por todos. (cf. Jo 13, 1; 15, 13)”* [DCE, 19].

A Cáritas, a partir da sua própria identidade e do Evangelho vivido, no quotidiano, junto das inúmeras vítimas do esquecimento, tem o dever de chamar a atenção que temos, como cristãos, de nos co-responsabilizarmos com todos os homens e mulheres de boa vontade, pela transformação de tudo o que possa ser empecilho no acesso a iguais oportunidades. Se os Direitos Humanos são universais, as oportunidades também terão que o ser, sob pena desta universalidade ser apenas teórica.

Os portugueses são convidados a partilhar com os que ainda se encontram privados de bens materiais e estão no grupo dos 20% dos portugueses que sobrevivem no limiar da pobreza. [...] A indiferença é uma das maiores injustiças.

Quero, recordando o testemunho de gratidão e afecto dos

Eugénio da Fonseca (*)

Bispos de Portugal, testemunhar o *“apreço pela actividade altamente meritória que tantas instituições, grupos e cristãos em geral vêm desenvolvendo em todo o País e nos mais diferentes domínios de acção social”* [C.E.P. (ASI, nº22)], sem esquecer também aqueles que, embora apenas por razões de cidadania, se empenham para que os seus concidadãos se realizem na plenitude dos seus direitos e deveres.

A prática da caridade e a promoção da justiça são uma exigência da maturidade da fé e um dever da Igreja *“que lhe é congénito, no qual ela não se limita a colaborar colateralmente, mas actua como sujeito directamente responsável, realizando o que corresponde à sua natureza. A Igreja nunca poderá ser dispensada da prática da caridade enquanto actividade organizada dos crentes, como aliás nunca haverá uma situação onde não seja precisa a caridade de cada um dos cristãos, porque o ser humano, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor”* [DCE, 29].

Só assim a Igreja será capaz de seguir o seu único Mestre que veio anunciar a Boa Notícia aos pobres; a libertação aos presos, e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor (cf. Lc 4, 18-20). Sendo certo que *“um ano da graça do Senhor”* acontecerá sempre quando todas e cada uma das comunidades cristãs forem verdadeiras samaritanas, fraternas e comprometidas com a defesa dos direitos humanos e da dignidade de cada pessoa, em especial daquelas que se encontram em situações de pobreza e exclusão social.

Na verdade, são todos os que, animados pela fé, impulsionados pela esperança e comprometidos pela caridade, sonham e lutam por uma sociedade mais digna e propiciadora de iguais oportunidades que fazem Memória de DAquele que se fez Pão partido e repartido para um mundo novo, sem excluir ninguém de se sentar à mesa da Palavra, da Eucaristia e do Amor, para que tivéssemos vida e vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Lisboa, 4 de Março de 2007

(*) - Presidente da Cáritas Portuguesa. (Texto da sua mensagem por ocasião do Dia Cáritas, em 11 de Março, com citações inseridas no corpo do texto pela Redacção).

Um telefone amigo

Na angústia, na solidão, no desespero, ligue 239 72 10 10, o SOS - Telefone Amigo



239 72 10 10



Em trabalho com um grupo de jovens do Luso

Depois de algum tempo sem notícias, cá estamos nós de novo... Desde o mês de Janeiro que o nosso trabalho tem estado bastante centrado nas escolas, devido ao grande número de solicitações por parte das mesmas. Desenvolvemos um trabalho diversificado na Escola Básica de Penacova, onde abordámos as temáticas de educação para a sexualidade e a prevenção da toxicod dependência com uma sessão específica de sensibilização para os problemas ligados ao álcool, com o 7º, 8º e 9º ano respectivamente. De seguida, estivemos na Escola Básica de Côja onde desenvolvemos a temática de educação para a sexualidade em todos os anos desde o 5º até ao 9º. Terminámos já o trabalho nas escolas referidas, sendo que já iniciámos a escola D. Dinis, em Coimbra.

Quanto ao trabalho nas comunidades tem havido algumas solicitações: Seixo de Mira, onde tratámos a temática de prevenção da toxicod dependência, com um grupo de cerca de 15 pais/educadores e na Cova Gala onde já abordámos os factores protectores e de risco relacionados com a educação e desenvolvimento psicossocial. Este trabalho está a ser desenvolvido com um grupo de pais com quem já estão agendadas mais duas sessões com os temas da sexualidade e sensibilização para os problemas ligados ao álcool.

Ainda nas comunidades, iniciámos um ciclo de sessões com um grupo de jovens do Luso- UNO, em torno de questões ligadas com a importância da minha relação com os outros e da maternidade/paternidade responsáveis. Cada vez mais sentimos uma grande necessidade, por parte das escolas, em encontrar respostas institucionais para a abordagem destes temas, com especial referência para a temática da sexualidade, para a qual a Cáritas tem sido bastante solicitada. Da parte dos alunos sentimos também uma grande “sede” de esclarecimento de dúvidas, muitas vezes relacionadas com mensagens que a comunicação social teima em passar, como: *usa o preservativo e não terás problemas, ter relações sexuais a partir da adolescência é uma coisa comum...*

Da parte dos pais vamos também sentindo uma grande sensibilidade e abertura para a partilha e reflexão das suas preocupações enquanto educadores, pois cada vez mais a educação é um grande desafio.

Por tudo isto, continuamos a acreditar que este trabalho, que não é mais que um espaço de partilha e procura de algumas estratégias de intervenção, é uma aposta que não deve ser esquecida, quer pelas instituições quer pelas comunidades.

Ana, Paula, Madalena

As coisas

O trabalho transforma as bandeiras em trapos.

Transforma os discursos em gargarejos.

Pedem-nos palavras;

pedem-nos bandeiras.

Que diz, que mostra,

quem só tem o trabalho rotineiro e persistente,

longo e largo,

que as palavras não conseguem dizer?!

Nos círculos apertados

um grito parece trovoada;

no mundo dos grandes círculos

só nos apercebemos da trovoada se falta a luz.

É o eco das salas que é agressivo,

não o dos grandes vales!

As coisas também são

por fora delas mesmas.

Ramos do Nascimento

Cáritas 2007

Pela dignidade, igual oportunidade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - nº 349

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.